

CONCURSO EU SOU A NATUREZA (continuação)

78

Vida

Autor: Cláudio José Gontijo

Professor da Escola Municipal Arthur Guimarães

De maneira silenciosa e dinâmica a natureza se harmoniza. Os vegetais produzem os nutrientes que vão servir a todos os seres vivos.

Nós, seres humanos, somos ruidosos. Alimentamos uma procura sem freios por algo que, nem sempre, sabemos da utilidade real. A cada dia desenvolvemos uma ansiedade maior, que nos escraviza, que nos torna limitados, distantes de nossas referências essenciais, de nossas origens, que nos leva ao conflito com o outro.

Se estamos correndo, não podemos observar. Quanto maior a velocidade, menor a capacidade de enxergar os contornos do caminho.

Há um vazio crescente e, no entanto, as águas do rio continuam a sua jornada, as manhãs surgem de forma diferente a cada dia, as flores permanecem com as cores variadas. Vamos perdendo a sensibilidade, a capacidade de reflexão, pois parece não haver tempo para a contemplação. Ou, talvez, exista a angústia, o medo de sermos vencidos em um jogo imaginário, onde só são vitoriosos aqueles que acumulam.

A conversa na sala, o abraço fraterno e o assovio passaram. Há muito tempo não temos notícias daquele amigo. O tempo se foi e não temos mais, verdadeiramente, a nós mesmos. Os campos, as matas, os pássaros, mesmo diante da destruição, continuam, diariamente, a manter suas funções, seu papel real, necessário. Cada um desses componentes é responsável pela existência de outros, como nós, seres humanos. A natureza se autoregula. De forma simples, ela se torna, a cada dia, mais robusta, desde que possa contar com o que realmente precisa.

Um apelo aos masoquistas

Emanoel Ferreira - 3º ano do 2º Grau / Turma 3ºE / Turno da Manhã

Escola Municipal Imaco

Pensei muito, mas não consegui encontrar nenhuma forma mais simples e natural de definir o Todo: um monte de átomos. E, pelo que me consta, também nós, seres humanos, somos formados por esse amontoado de micropartículas. Isso não é nada pejorativo, só quer dizer que, seres animados ou não, somos todos semelhantes — quase, pelo menos.

Não pretendo prender-me àqueles questionamentos filosóficos — embora esteja tentado — sobre o real propósito de todos nascermos, vivermos e morrermos, nem às respostas, deveras vazias, similares a “*Para ser feliz*”. Não. Só quero dizer o que todos sabemos, mas parecemos desconhecer: somos parte de um conjunto, de um organismo que não sobrevive quando algo sai errado em seu complexo sistema. Parece óbvio. E é, na verdade. Mas a que tipo de organismo me refiro? À Natureza. Estamos conectados ao restante do Universo, ao Todo, de forma tal que qualquer desequilíbrio afeta e afetará a cada um de nós.

O Grande Complexo do Todo não nos pede boa relação com seus demais componentes, mas nos obriga a isso. Somos elementos da Natureza. Somos a Natureza. Cada vez que a degradamos, estamos ferindo a nós mesmos. De forma sutil, às vezes, mas ainda assim estamos prejudicando o já citado complexo organismo. Isso é suicídio, caro(a) leitor(a).

Não consigo compreender qual é o problema dos criminosos assassinos do meio ambiente. Aliás, compreendo, refletindo melhor. O problema deles é dinheiro. Dinheiro, aqui, é problema sim, não a solução. É doença. Doença mental, de caráter psicótico. Pior ainda são aqueles que fecham os olhos — e os ouvidos; eis-me aqui *gritando* — para toda a safadeza que impregna este país tão rico. Não cito nomes, porque seria mais do mesmo. Todos já sabemos, e isso é o pior de tudo. Falo do Brasil, porque em *status* de verdadeiro descaso, seria bobagem me referir à egoísta e prepotente indústria norte-americana, por exemplo, ou a qualquer outro dos assassinos de além-fronteira.

Mas é fácil falar do outro. Diz o ditado que, quando apontamos o dedo para alguém, existem três dedos voltados para nós. De fato. Que atire a primeira pedra aqueles que separam todos os lixos recicláveis, que aboliram os tóxicos detergentes de suas casas e que cumpriram toda a ladainha decorada de cor e salteado não menos de cem vezes. Não é difícil, não. É fácil. *Facinho*. Se salvar a Natureza e, assim, a própria pele, não soar tão convidativo quanto se pretende, então, podemos imaginar um exército de apedrejadores defensores do Grande Complexo do Todo. Contudo, atualmente, poucos são aqueles que podem erguer uma única pedra sequer. E, ainda assim, ela parece pesada demais.

Se somos todos a Natureza, que mal tem em não nos autoflagelar? Que me perdoem os masoquistas.

(Texto revisado pela professora de língua portuguesa Maria Bernadete Rehfeld)

80

PLANETA ÁGUA

AUTOR: LUIZ HENRIQUE GUIMARÃES SILVA – 2º. ano

SESI CAT SANTA RITA DE CASSIA

Água que cresce de uma nascente calma e que abre uma gruta bem funda.

Água que constrói um pequeno rio que corre para o grande rio.

Água que leva vida a lugares distantes, que passa pelas cidades fornecendo água para a população.

Água que forma cachoeiras que fazem barulho como trovão e depois correm calmas nos rios.

Água dos pequenos rios, onde lara, a dona das águas, canta uma misteriosa canção.

Água que evapora formando nuvens de chuva que cai sobre a plantação e forma um lindo arco-íris.

A mesma chuva que dá vida à natureza causa inundações destruindo tudo pela frente.

Água que move moinhos e molha a terra e sempre volta para a terra.

Terra, planeta composto em sua grande parte pela água, fonte da vida.

O MUNDO MALUCO

AUTORA: NARAH LUIZA RIBEIRO FERREIRA – 2º. ano

SESI CAT SANTA RITA DE CASSIA

Se não fizermos alguma coisa, esse mundo vai ficar maluco, cheio de coisas malucas. Muitas perguntas irão surgir.

Será que os peixes vão ter orelhas?

Será que a gente vai ter cauda?

Será que os ratos vão ter cabelos?

E as girafas vão ter coroa?

Será que o caderno vai ter joelho e as árvores vão ter mão?

Será que os brinquedos terão cara de reciclagem?

Será que a água terá peixes saudáveis?

Será que você não vai fazer nada para esse mundo melhorar?

O que será que vai acontecer com a cidade maluca?

O que vai acontecer?

Vamos mudar tudo.

Vamos lá, criançada, fazer nosso papel: reduzindo, reciclando, reaproveitando.

Tempo presente

Autor: Cláudio José Gontijo

Professor da Escola Municipal Arthur Guimarães

Volto minha lembrança para o Tiê-sangue, um dos pássaros mais bonitos do mundo. Perambulando pelo chão à cata de pequenas sementes e frutos silvestres. Voando vertiginosamente de um ponto ao outro, junto à sua fêmea. Estampando sua coloração vermelho-vivo.

À margem do rio, na mata da serra, eles farão seu ninho para a postura de 2 ou 3 ovos. Em 15 dias irão alimentar os filhotes. Sei que irão construí-lo em um local onde tenha água e nutrientes bem próximos. Um ato que tem o ritmo da natureza. Objetivo, prático, acolhedor.

Mas o casal, em seu comportamento intuitivo, não poderá antecipar os perigos. As armadilhas da mata. A distância exata entre o ninho e o alimento. Não poderão saber quando outra espécie predadora poderá anular seu esforço. Não calcularão as intempéries, o ritmo do vento.

Mas sua dinâmica não se altera. A natureza mágica ensinou-lhes a viver um dia de cada vez. Sem medos, sem aflição, sem desesperança. Mostrou divinamente o caminho da persistência, do respeito ao ecossistema, da preservação em todos os níveis, da cooperação.

E...de repente, eles se foram. Rápidos, alegres, sem tempo de espera a somar. Em direção à sua prática de perpetuação.

Respiro fundo. A imagem se dilui. Reflito, agora, sobre minha condição humana. Preocupando-me sempre com o futuro, com o que ainda não conheço. Mas agradeço por ter me voltado ao que acredito. Fico feliz por saber que a extinção não é completa, que dezenas, centenas de Tiês-sangue ainda vão construir seus ninhos. Conforta-me a certeza de que novas gerações estão se formando, mais conscientes, de que leis mais rigorosas estão sendo formuladas, de que estações de tratamento de esgoto vão cuidar de um número cada vez maior de rios.

83

O grande homem que virou um animal de rua

Marianna Nascimento Souza

E.M.Gov.Carlos Lacerda

Havia um grande homem que morava numa grande floresta. Ele era um índio, um pajé. Ele era considerado um Deus em sua tribo. O pajé mandava, os outros obedeciam. Era um homem muito confiante, um guerreiro, bom caçador, bom líder.

Até que uma certa noite, pensativo, decidiu com toda a sua braveza e confiança, ir para a cidade, descobrir como era o "mundo desconhecido", a casa de máquinas "ambulantes". No dia seguinte, anunciou a toda a tribo que iria fazer uma viagem para a cidade grande. Passou toda a responsabilidade da tribo para seu filho, e partiu.

Chegando na grande cidade ficou um pouco perdido, não sabia para onde ir. Mas então, se lembrou que era um líder e que não poderia desapontar sua tribo. O dia se passou, a lua apareceu, e ele ainda não sabia para onde ir, até que encontrou uma pequena ponte, que poderia abrigá-lo e mantê-lo protegido de qualquer coisa.

Assim os dias se passaram, e ele continuava ali, com fome e sem o que fazer. Então, ele começou a pedir dinheiro na rua para se alimentar. Anos se passaram e, junto com o tempo, o homem bravo e corajoso de antes, havia desaparecido, virado poeira no meio do passado, da pobreza. Aquele grande homem tinha virado apenas um animal de rua, maltratado e faminto, que daria tudo por um pedaço de osso.

Esta pode ser apenas uma pequena história tola, mas que retrata a vida de várias pessoas miseráveis, que não têm onde viver, que são tratadas como os animais de rua, por outras pessoas de classe mais elevada e sem alma.

84

COISAS DO MEU MUNDO

Danielle Carolina - 2º. ano do 2º. ciclo

ESCOLA MUNICIPAL Vinícius de Moraes

Meu mundo é uma bola,
Onde há papel, metal e
Sacola.
Onde há natureza e
também pureza,
onde há destruidores
e também cuidadores.
Onde há erros e
também acertos,
onde há falta de consciência
e também suas consequências.
Onde há certeza
e também incerteza,
onde há germinação
e também poluição.
A natureza é maravilhosa!
Cuide dela pra não ficar horrorosa!

85

EU GOSTO DA NATUREZA

Rayane Paola Costa

ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR CARLOS LACERDA

EU ADORO A NATUREZA,
ADORO RIOS E PLANTAS
SOU CONTRA OS DESMATAMENTOS.
SOU APAIXONADA COM ANIMAIS
NÃO GOSTO QUE OS MALTRATEM
GOSTOS DE PÁSSAROS, CACHORROS, GATOS ETC.
QUANDO ESTOU EM CASA E ESCUTO CACHORROS CHORANDO,
EU FICO MUITO TRISTE,
QUANDO VEJO GATOS E CACHOROS NA RUA,
QUERO LEVAR PARA CASA,
MAS MINHA MAE não DEIXA
ELA FALA QUE ELES PODEM TER DOENÇA
EU FALO QUE não LIGO
MAS ELA não DEIXA.
QUANDO VEJO PÁSSAROS LÁ EM CASA CAÍDOS NO TERREIRO EU OS
PEGO
E CUIDO DELES ATÉ FICAREM BEM
AÍ EU OS SOLTO.
EU GOSTO TANTO DA NATUREZA
PORQUE A NATUREZA FAZ PARTE DE NÓS.

86

EU SOU A NATUREZA

Raphael Guilherme

Aluno da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda

Imagine-se em um campo florido. Imaginou? Agora imagine que esse campo está sendo destruído... Eu apenas peço para que os humanos entendam: antigamente eu era uma árvore que dava frutos e hoje não sou ninguém. Vejo crianças brincando nos campos e penso como elas irão viver no futuro e criar seus filhos sem mim, sem o verde, sem o ar que hoje se respira. Os humanos estão cortando árvores para ganhar dinheiro mas, se pararmos pra pensar, estão selando sua própria sentença de morte. Antes eu tinha frutos e agora acabou! Pensem nisso, reflitam! Porque sem a natureza a vida não existe.

EU SOU A NATUREZA

SEBASTIANA MARIA PEREIRA DA SILVA – mãe de aluno da rede municipal

mariapereira10@yahoo.com.br

Certo dia, em frente à TV, vendo uma aula de telecurso, uma palavra chamou minha atenção: soslaio. No primeiro momento, veio-me a ideia de “desconfiado” – olhar semi-cerrado, apertado.

Curiosa, aguardei os instantes em que seria revelado o que para mim era estranho, desconcertante, fora de uso ou uma palavra característica de alguma região desconhecida. Veio a resposta. Através de.

Hum... como as aparências enganam, pensei comigo. Através de. De que? Do olhar. Os olhos são lentes de contato e, através dessas lentes, vejo o mundo, vejo o outro, vejo Deus que criou tudo isto: através do seu olhar criou a natureza para que, através do meu olhar, eu fizesse parte dela. Eu sou natureza. Natureza é vida, entre eu e ela tem que existir uma relação de troca. Como cenário primordial do mundo, a natureza fala com a humanidade através do ar que respiramos, dos rios, do sol, da beleza das flores e da diversidade da fauna. Se sou natureza, o que posso fazer para manter-me viva? Ou o que quero que façam?

Quando criança, começando a ler e a escrever, encontrei no canto do armário do grupo escolar um livro de estórias. Comecei a manusear as páginas e deparei com o título “Juca Mulato”. Curiosa e soletrando o longo texto, fiquei encantada com o que lia. A estória dizia que o personagem Juca Mulato foi à floresta despedir das árvores, dos rios, dos frutos, porque estava de partida para a cidade grande. Em meio a tanto silêncio, parecia que o Juca estava ouvindo as vozes de todas as coisas. Das árvores, dos rios, dos pássaros. Era a voz da natureza, pedindo ao Juca que não a abandonasse, pois dos troncos das árvores tinham feito seu berço, a água lhe dera o batismo e os pássaros, a cantiga de ninar. Mas Juca partiu para a cidade grande, onde nunca mais ouviu a voz silenciosa das coisas, porque ele inventou tantas máquinas que enfumaçaram o ar e escureceram o céu... E a máquina destruiu o Juca.

Com tudo isso, começou a surgir um contraste entre o belo e o feio. O feio depende do belo – natureza –, o feio é o progresso. Na luta pela sobrevivência, a ambição acelera o coração dos homens: não os deixa parar e pensar que somos também natureza e, para continuar a existir vida, é preciso fazer algo... para nós mesmos.

Começamos já tardiamente a preservar as nascentes dos rios, a cultivar a terra, a plantar árvores e evitar os excessos dos cortes e das queimadas, a não poluir os rios. É preciso nos conscientizarmos de que jamais a natureza vai deixar de nos alimentar, mas para isso é preciso haver aquela relação de troca que enunciei quando comecei a rabiscar esta página. Cuida de mim – Natureza – que não deixarei lhe faltar nada, homem. Preserve o mundo e terá sempre o frescor para aliviar o cansaço.

Fico triste quando vejo grandes novas invenções, por que sei que, em algum lugar do planeta, uma parte da terra ficou árida, sem raízes, e o leito de um riacho secou. Como parte da natureza que sou, não quero ficar árida nem seca, quero sempre fazer minha parte, nem que seja de gota em gota.

É preciso conscientizar.... é preciso continuar.

88

A natureza bela

Lucas Silva Oliveira e Geraldo Henrique

E.M.GOV.Carlos Larceda

A natureza é bela

igual a Isabela,

a natureza é grande

maior que o elefante.

O nosso tucano

é igual ao Luciano.

O céu é azul, olha que beleza!

Mas os animais são caçados, mortos e assassinados!!!!

COITADOS!

Minha vaca berra,

o ser humano erra.

Até onde vai a Terra?

O macaco come banana

e o homem engana.

Os ratos são envenenados

e os homens, assassinados.

A vida é loka!!

E a natureza bela

igual a Isabela,
pararapararaprarrarprarraraparparparpa,
onde a natureza vai parar?

89

Animais de rua

Pâmela Suelen - 5ª série – turma 214 – manhã
Escola Municipal Murilo Rubião

Não é raro ver cachorros e outros animais sendo maltratados na rua. Muita gente acha que os animais não sentem dor e não têm sentimentos.

Devemos ter amor aos animais e tratá-los bem, dando-lhes comida, água etc.

As pessoas quando vêem cachorros ou outros animais na rua, devem gostar deles, pegá-los, vaciná-los, e cuidar deles, dando-lhes carinho e amor.

Muita gente mata esses animais, porque os seres humanos não cuidam dos animais, só pensam em si próprios. E se alguém fizesse com você o que você faz com os animais? É uma boa pergunta. Lógico que você não iria gostar...

Outra pergunta: quem acha certo fazer uma coisa dessas?

Pense bem! Não maltrate os animais!

90

Escola Municipal Murilo Rubião

Érica Magalhães Gomes - Estagiária

Imagine um mundo sem animais.

Imagine como seria se não houvesse
Nenhum pássaro
Para cantar em seu quarto de manhã,
Sem peixes nos lagos, sem macacos
Em galhos, sem nenhum papagaio
Para repetir minha voz,
Minha voz ofegante buscando vida,
Minha voz que clama, mas só...
E os outros seres vivos?
Porque os considero tão opressores?
Nada vai melhorar se continuarmos
Com pensamentos tolos e não
Lembrarmos que existe vida além
De nós.

91

Escola Municipal Murilo Rubião

Laíse Godêlha da Silva, Dener e Gabriele P. Antunes

5ª série – turma 214 – manhã

Animais na rua

Existem vários animais de vários tipos na rua. Esses animais são muito maltratados, enquanto as pessoas estão numa boa sem se preocupar com eles.

Os cachorros são os animais mais abandonados pelas pessoas, mas eles também têm vida e por isso merecem nosso respeito e nossa solidariedade.

Pare para pensar no que você fez ou o que você faz para ajudar as pessoas e os animais à sua volta, tome uma atitude para melhorar o mundo e mudar a história de que o mundo vai acabar.

Os animais vão acabar entrando em extinção, principalmente os cachorros que são os mais maltratados.

Como as pessoas conseguem fazer isso com os animais?

Os animais ajudam as pessoas e algumas não retribuem seus favores.

Vamos cuidar para que o mundo seja melhor, tome uma iniciativa, não deixe animais na rua. Fique atento!

92

Kênia Souza de Miranda

5ª série – turma 214 – manhã

Escola Municipal Murilo Rubião

O maltrato dos animais

No nosso planeta existem muitas pessoas que gostam de maltratar animais, principalmente cachorros e gatos. Quando ando pelas ruas de Belo Horizonte, vejo cachorros na rua comendo lixo, sujos, sendo chutados por pedestres. Tem gente que abandonam os cachorros ou gatos para eles serem maltratados e judiados. Eu gosto muito de animais, principalmente de cachorros. Eu tenho 3 cachorras, elas são Xispita, Xerra e Pretinha. Elas são tão fofas, eu adoro elas! Eu não deixo ninguém maltratá-las! Mexeu com elas, mexeu comigo. Se eu pudesse, eu pegaria todos os animais da Terra e levaria para minha casa e lhes daria comida, água e, o principal, amor.

Uma coisa eu sei - maltratar animais é muito feio! Os animais não falam nossa língua, mas se falassem nós saberíamos a dor que eles sentem quando são mal tratados.

Não maltrate os animais!

93

Jaqueline Cristina

Escola Municipal Murilo Rubião

5ª série – turma 214 – manhã

Quem acha certo?

Quem acha certo um ser humano maltratar uma espécie tão honrada como a dos animais que estão ao seu redor?

Quem acha isso certo está contribuindo para um grande erro. Eu sei que eu ou vocês, de qualquer lugar do mundo, não gostamos nada disso. Ou você gosta?

Para ajudar, precisamos ficar do lado de todos os animais da Terra.

Eu só peço mais uma coisa - não maltrate nenhum ser vivo, nenhum animal!

94

Julyana, Bruna E., Junior, Jhonata e Bruna S.

8ª série – turma 311 – tarde

Escola Municipal Murilo Rubião

Não devemos maltratar os animais

Várias pessoas maltratam os animais porque não têm coração. Outros já cuidam, dão carinho e afeto a seu bichinho.

Devemos tratar com todo o carinho os animaizinhos!!!

95

Meu amigo Tilzinho

Flaviene, Kátia, Thayse - 8ª série – turma 311 – tarde

Escola Municipal Murilo Rubião

Meu cachorro, meu amigo,

meu motivo de viver,

dele eu cuido com carinho

sem ele, não sei viver.

Acaricio meu amiguinho,

seu nome é Tilzinho,

com ele eu brinco,

com ele eu vivo.

Meu amiguinho,

meu xodozinho,

meu grande Tilzinho.

Escola Municipal Murilo Rubião

Márcia Thaís Morais

8ª série – turma 311 – tarde

Viva o amanhã

Apesar de tudo o que foi destruído e devastado, ainda temos muitas coisas boas na natureza. Só de pensar que nem tudo está perdido, que ainda há tempo para reconstruir o que foi destruído é muito bom!

E isso só depende de nós!

Vamos preservar a natureza e cuidar dos animais porque são coisas importantes para nós.

Vamos olhar o mundo com outros olhos, enxergar coisas boas, porque quando olharmos para trás e já estiver tudo destruído, não adiantará querer voltar atrás, pois tudo estará perdido.

Então, sempre se preocupe como será seu amanhã...

Porque o hoje já está sendo decidido. O amanhã só você poderá fazer acontecer...

Fazer acontecer coisas boas e um dia poder dizer: eu ajudei a reconstruir o que estava sendo destruído. E se comparar a um herói, porque você estará salvando o futuro de muitos...

Salve vidas

Ivanil do Carmo Silva Gomes

Professora E. M. Padre Henrique Brandão

Eu vi a árvore,
Vi a vida.
Vi o amor,
De quem a plantou.
Vi a força,
Seus frutos.
Vi o bem,
Mãos que a regaram.
Vi o mal...
Oh! machado,
Como és cruel!
Cortas e deixas ao relento,
E vem a chuva e molha,
E vem o vento e sopra,
E vem o sol e seca,
E vem o tempo...
E com ele a podridão.
Esvai-se uma Amazônia,
Milhões de vidas se vão.
Oxigênio, tudo, e tudo o mais.
O progresso destrói,
O machado é incansável!
Plante vidas...

Salve árvores...

98

(sem título)

Diego e Samuel

Alunos da **Escola Municipal Governador Carlos Lacerda**

Bom dia, pessoal!

Vocês precisam se ligar, pois a natureza está sendo destruída pelo ser humano: animais em extinção, queimadas e vários outros problemas estão acontecendo. O ser humano tem que ter consciência pois, nesse ritmo, estaremos destruindo a nós mesmos e ao nosso meio ambiente.

SEJAM CONSCIENTES, NÃO ACABEM COM NOSSA NATUREZA!

Obrigado pela atenção de todos vocês e **NÃO SE ESQUEÇAM:**

A NATUREZA FAZ PARTE DE NÓS!!!

99

ALEF

MARIA LUÍSA SILVEIRA DA ROCHA

(Dedico este texto a Fabrícia, a fada de Ibité.)

Teve uma infância feliz, cercada de mimos e cuidados. Sua saúde delicada preocupava a mãe que se desdobrava fazendo sopas e mingaus bem reforçados diariamente. Era tudo tão saboroso que a menina comia com boa vontade. Tomava colheradas de vitaminas, evitava ventos e friagens, quase não saía.

Apesar de tanto afeto, não se tornou uma criança mimada; ao contrário, era tranquila, curiosa e interessada por tudo que a cercava. Quando ganhou um boneco de borracha, vestido com roupa vermelha, um boné branco, sentiu uma imensa alegria e passou a carregar o brinquedo para aonde fosse. Batizou-o Zezé. Fez dele seu confidente, quase um irmão mais velho. Às vezes ralhava com ele, mas somente em raros momentos de frustração.

A menina amadureceu e virou uma mocinha feinha, cheia de espinhas, pernas finas e pouco peito. Mesmo assim, começou a se encantar com festas e saídas e guardou Zezé no alto do armário do quarto. Que lá permaneceu por uns vinte anos.

Só saiu de lá quando a mulher se casou e o encontrou por acaso, ao preparar suas coisas para a nova vida. O boneco estava meio desbotado, ela viu tristeza nos olhos dele e sentiu uma saudade esquisita, cheia de culpa. Levou-o para a casa, colocou-o sobre uma cômoda no quarto do casal. O marido achou aquilo infantil, mas fingiu que entendia e desconversou.

Anos depois, Zezé foi parar nos braços da filha da mulher. A mãe olhava as brincadeiras da criança com nostalgia e orgulho. Zezé já era da família mesmo...

Os anos passavam, contas a pagar, correria para o trabalho, lições de escola dos filhos, e a cozinha, ah, esta interminável sucessão de preparos, temperos, louças e talheres pedindo água e sabão sem trégua. O tempo sumiu e no seu lugar apareceram cabelos brancos, rugas e azedume. O calor do sol era insuportável. Passarinhos irritavam seus ouvidos desafinados. Seus olhos embaçados só enxergavam a poeira dos móveis e a gordura das panelas. O coração começou a falhar, uma espécie de angina demonstrava a dureza do sangue que lhe percorria o corpo já disforme.

Quando a filha começou a namorar, a mulher jogou Zezé no alto do armário do banheiro.

Mais vinte anos se passaram. Cheia de dores, a coluna encurvada, quase não saía de casa. Morava sozinha, não tinha mais parentes próximos, amigos não cultivou nenhum.

Numa manhã de dezembro, às vésperas do Natal, saiu para fazer umas compras no bairro, carregando uma sacola de pano. Quando estava no balcão da padaria aguardando ser atendida, deparou-se com um impresso com a foto de uma linda mocinha abraçada a um cão vira-lata esquelético. Pegou o papel e começou a ler, fascinada com a expressão da menina. Parecia uma fada... Era um pedido de ajuda financeira para socorrer aquele cão. Ele estivera preso por duas semanas em um tronco de árvore, em frente a um bar, quase sufocado por uma coleira extremamente apertada. Neste tempo, sofrendo frio, fome e sede, esteve entregue à sanha dos frequentadores do bar que se divertiam atirando pedras e queimando cigarros no magro corpo do animalzinho. Duas semanas! Um

calvário de quinze dias... Quando já estava quase morto, um anjo por ali passou e com a ajuda de um alicate, soltou o animal e o levou para ser tratado. Teria que tomar muitos remédios e realizar uma cirurgia para tratar de uma fratura que o impedia de andar. Tudo isto custaria muito caro e o jeito foi pedir auxílio de todos os modos possíveis. A moça apelidou-o de O Cão da Estrada. E a ajuda começou a chegar de mansinho.

A mulher voltou para casa com um estranho brilho nos olhos. Pegou na gaveta dois anéis valiosos do tempo de casada, um brinco de ouro e uns trocados que juntara para alguma emergência. Foi até o telefone e discou o número que estava no cartaz do cão. A mocinha atendeu, até a voz era angelical. Fada ou anjo, é tudo a mesma coisa.

Combinaram de se encontrar no dia seguinte para entregar as jóias e o dinheiro que iriam possibilitar o tratamento. A fada agradeceu muito e pediu-lhe para ajudar a conseguir um dono para o cão, quando se recuperasse. A mulher, meio resmungando, apenas lhe disse que precisava urgente dar-lhe um nome. Que coisa estranha esta de cão da estrada, parece coisa de lobisomem... Credo em cruz!

À noite, a velha mulher tomou uma sopa de agrião e sentou-se para rezar o terço. De repente, interrompeu a ladainha, foi até o banheiro, pegou um banco e tirou do alto do armário um Zezé todo estremeado, quase mofado. Limpou-o com a toalha de biquinhos azuis de crochê e em seguida borrifou um perfume adocicado nas pernas enrugadas.

Ficou com ele no colo até altas horas da noite, enrolado numa mantinha, sussurando-lhe inúmeras vezes o mesmo segredo: nós vamos ganhar um hóspede, um amigo de verdade.

E, finalmente, depois de tantos e tantos anos, Zezé dormiu sossegado, roncando suavemente, antecipando em sonhos as incríveis brincadeiras que em breve teria com Alef...

Passado, presente e futuro

José Maria Theodoro
Professor da Escola Municipal Dom Orione

Por estas superfícies não correram rios,
água clara de chuva, vento, pássaros.
Aqui nunca existiram seres vivos.
Onde estão as marcas, os vestígios de humanização?!

Vejo este mar de petróleo derramado
barcos de pesca predatória e navios enfumaçados.
Além da contribuição dos rios de fezes de indústrias,
não vejo mais nada.

Como a terra pode contar que no lugar onde existem agora bancos,
shoppings, prédios, avenidas, existiu um jardim, um bosque,
nomes que soam tão vagos, no lugar de momentos de contemplação?
Nem mesmo gritando!

Onde estão as marcas, os vestígios de civilização?
Soterrados, amordaçados os gritos, risos, brincadeiras, sorrisos.
Escondidos o sol, o céu e a terra.
Alguns nem se lembram, falta-lhes tempo.

Nas matas, abertos caminhos,
e quando todos os caminhos estiverem abertos,
faltarão caminhos e as pessoas se atropelarão de pressa,
não havendo vestígios nem lembranças.

Talvez um documentário
(para quem?)
do que se tenha chamado natureza,
e a presença breve do homem na superfície.

